



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

**PAPERS DO NAEA Nº 040**

**MERCADOS EMERGENTES E GLOBALIZAÇÃO  
DA ECONOMIA: UMA NOVA FORMA DE  
AGRESSÃO COLONIALISTA DISFARÇADA?**

**Mario M. Amin**

**Belém, Maio de 1995**

# **Mercados Emergentes e Globalização da Economia: uma nova forma de agressão colonialista disfarçada?+**

---

*Mario M. Amin*

## **Introdução**

A história do mundo mostra que periodicamente surgem os mais diversos e variados "ismos" a fim de dar suporte à implantação de novos paradigmas. A sociedade assimila estes novos paradigmas através de um constante processo evolutivo social, político e econômico e tendo, no indivíduo, o principal articulador destas mudanças. Os novos paradigmas são, no entanto, um simples reflexo dos valores e sentimentos que o indivíduo guarda para com a própria sociedade.

Assim, a história guarda registros positivos e negativos de como o indivíduo sempre insatisfeito com suas próprias riquezas, deixou seus domínios territoriais para dedicar-se ao descobrimento e conquista de novas fronteiras que viessem a assegurar a sua preservação e crescimento econômico. Sob esta justificativa, populações e sistemas sociais inteiros foram esmagados. A tão chamada integração territorial visava, apenas, a sustentação econômica através da exploração de matérias primas e não o bem-estar dos territórios.

Iniciava-se assim, a era do "colonial-ismo" que mais tarde seria o alicerce para a divisão do mundo em áreas geograficamente diferentes em função de suas riquezas e aspectos sócio-econômicos. O mundo passaria a conhecer-se ou ser classificado em países do "primeiro", "segundo" e "terceiro" mundo.

A divisão geopolítica do mundo servia apenas aos interesses das nações militarmente mais fortes e com a capacidade de impor o seu modelo administrativo. Porém, este enorme império colonialista que durante séculos dominou as atividades produtivas e comerciais do planeta terra, dá os primeiros sinais de estar lentamente entrando em um processo de decadência.

A inesperada desaceleração das economias do primeiro mundo, aliada a um acúmulo excessivo de exigências sociais, cada dia maior, constituiu-se em um sério problema orçamentário e, conseqüentemente, em um grande fator limitante para um maior crescimento de suas economias.

Durante os últimos 40 anos, o sentido de liberdade do indivíduo e o desejo de ser dono de seu próprio destino, motivou grande número de sociedades a buscarem sua independência territorial a fim de

---

<sup>+</sup> O texto foi concluído duas semanas antes do "crash Mexicano". O acontecimento não foi uma surpresa, já que, querer participar do "Clube do Primeiro Mundo" sem cuidar, primeiro, dos aspectos sociais do país, é a maior das utopias. Este fato deve servir de exemplo para os outros países que, seduzidos pelo tentador afluxo de capital especulativo, abrem suas economias sem considerar os futuros efeitos nocivos deste processo.

estabelecer um destino comum de justiça social, fundamentado nos conceitos de direito da economia política.

Novas nações surgiram a cada dia estimuladas pela expectativa de uma vida melhor. Este processo deu-se no momento em que o mundo se recuperava de várias guerras e as economias dos principais articuladores do conflito cresciam a todo vapor impulsionadas pela destruição que eles mesmos tinham causado. O mundo viveu cinco décadas da melhor e nunca vista prosperidade.

A partir dos anos 80, no entanto, o modelo de grande prosperidade criado e firmemente protegido pelos países industrializados, começou a demonstrar uma certa incompatibilidade com os fantásticos avanços tecnológicos geradores de uma altíssima capacidade produtiva de bens e serviços. As economias começaram a sentir o peso das transformações sócio-político-econômicas.

Uma nova ordem econômica mundial começou a se desenhar. O comunismo foi aparentemente removido, vítima de sua própria incapacidade de proporcionar uma vida melhor e decente aos cidadãos sob seu domínio. O mundo industrializado, por sua vez, confronta-se com um crescimento muito lento para os seus padrões históricos. Duas causas são indicadas como as responsáveis pela desaceleração das economias do primeiro mundo: a primeira, deve-se ao progressivo sucateamento das indústrias e à falta de uma rápida renovação; o surgimento e fantástico crescimento do parque industrial dos países asiáticos é considerada a segunda causa.

## **Problemas estruturais nas economias do primeiro mundo**

Os países industrializados enfrentam sérias dificuldades de ordem estrutural que vem fomentando uma onda de protecionismo em grande parte dos principais setores econômicos. O desemprego cresce na Europa e no Japão, além de continuar alto nos Estados Unidos. Os elevados custos de produção em alguns países obrigam as indústrias a buscarem mão-de-obra mais barata em outros países. Este deslocamento industrial favorece os países da ásia e prejudica a prosperidade e crescimento dos países industrializados.

Pensou-se que o fim da Guerra Fria trouxesse grandes benefícios para todos, provocando uma liberação de recursos que poderia impulsionar o crescimento econômico para novos níveis, levando prosperidade para um grande número de pessoas. Este processo, contudo, está lento e de difícil execução devido a grande disparidade nas estruturas sociais e econômicas.

O descuido dos países industrializados em manter seus orçamentos alinhados com a realidade econômica mundial tem sido mais um fator negativo no crescimento de suas economias. Os déficits orçamentários, atualmente em torno de 4% do PIB, ajudam a criar expectativas inflacionárias nos mercados financeiros, refletindo-se em altas taxas de juros.

Outro fator que vem afetando seriamente o crescimento dos países ricos, é o chamado "choque de oferta" de mercadorias de nações em desenvolvimento. Para contornar esta situação e ficarem mais competitivas, as empresas estão transfirindo fábricas para outros países, eliminando empregos e investindo em novas tecnologias para aumentar a produtividade.

Estaria a nova ordem econômica mundial indicando o fim da prosperidade do primeiro mundo, assim como aconteceu com outros impérios? Para alguns estudiosos a resposta é afirmativa, outros, dizem que a história mostra o contrário: o comércio mais livre e mercados mais amplos criam mais crescimento e não o oposto.

A nova ordem econômica é mais uma "nova ordem econômica" dentro da história do mundo. A fim de manter a hegemonia sobre os mercados internacionais, os países ricos usam os mais avançados sistemas de controle econômico. Porém, seu curso pode ser desviado por ondas de excessivo protecionismo, fortes preconceitos raciais e eventuais conflitos militares.

## Desemprego Crescente

O homem, criador da mais sofisticada tecnologia esqueceu que a máquina poderia, em algum momento do tempo vir, a ocupar integralmente seu lugar, criando assim, seu próprio desemprego. Neste confronto, os avanços tecnológicos parecem ter ganho a guerra. As estatísticas mostram que, mesmo dado os contínuos aumentos no PIB das principais economias, um crônico e grave problema de desemprego estrutural, tem-se formado.

O desemprego na Europa vem crescendo a partir da década de 70, tornando-se, em consequência, um grave problema para as economias industrializadas. Várias são as explicações para esta situação: em seu processo de unificação comercial, a Europa ficou presa a normas e regulamentações que afetaram a sua rápida capacidade de adaptação e maior flexibilidade diante dos novos "tigres asiáticos"; em segundo lugar, a forte pressão laboral exercida nos anos 60 e 70 pelos sindicatos, forçou aumentos exa-gerados nos salários dos trabalhadores.

Observa-se na Tabela 1, que quase a metade dos países da OCDE tem taxas de desemprego de 10% ou mais. Países como Espanha, França, Itália, Grã-Bretanha e Estados Unidos enfrentam sérios problemas domésticos por causa das altas taxas de desemprego entre os jovens abaixo de 25 anos. Grande parte dos jovens não estão plenamente integrados no mercado de trabalho, devido a restrições de salário mínimo ou diferenças de graus de instrução.

**Tabela A: Desemprego em Países Selecionados da OCDE, 1994**

País	População < 25 anos	Total
Espanha	35	22
Itália	32	12
Irlanda	25	17
França	21	11
Bélgica	18	9
Austrália	16	8
Canadá	15	9
Suécia	14	7
Holanda	13	9
Grã-Bretanha	12	9
Estados Unidos	11	7
Portugal	10	7
Dinamarca	9	8
Áustria	7	6
Japão	7	4
Alemanha	7	6
Suíça	5	5

Fonte: (5).

Dos países apresentados na Tabela 1, a maioria tem taxas de desemprego juvenil um pouco superiores às médias gerais do mercado de trabalho. Este fato ganha proporções cada vez mais críticas devido a incapacidade dos países da OCDE em gerar rapidamente novos empregos que possam absorver a mão-de-obra juvenil, cada ano mais abundante no mercado de trabalho. A forte concorrência dos países asiáticos e o sucateamento do parque industrial são consideradas, pelos analistas, como uma das causas do alto índice de desemprego.

### Custos da Mão-de-Obra

Mesmo indicando a concorrência dos produtos asiáticos como uma das principais causas do desemprego estrutural na OCDE, os altos custos da mão-de-obra devem ser considerados como o principal fator que tem impedido uma retomada da atividade industrial e uma maior geração de empregos.

Na Tabela 2, observa-se que os custos salariais têm um grande peso nos orçamentos das companhias manufatureiras da maioria dos países da OCDE. Além dos custos salariais, existem um número enorme de encargos como as contribuições de previdência social dos empregadores, de até 40% dos salários, férias e benefícios excessivamente onerantes na folha de pagamento das indústrias.

Na Alemanha por exemplo, em 1993 uma indústria manufatureira pagava custos totais de US\$ 25 por hora. A Nova Zelândia, por outro lado, teve os custos mais baixos, US\$ 8 a hora. Nos Estados Unidos, o custo era de US\$ 17 a hora. As altas taxas salariais, quando comparadas com as pagas nos países em

desenvolvimento, são, sem dúvida, o mais sério empecilho não só na geração de mais empregos como também, na rápida recuperação das economias.

Mudanças tecnológicas e uma concorrência cada vez maior dos países em desenvolvimento, certamente, irão deixar mão-de-obra potencialmente disponível, mas desempregada. O grande problema é que, os trabalhadores que perdem seus empregos para as máquinas, não estão "atualizados" com as habilidades certas para assumir novos empregos. Isto cria o que poderia se chamar de "technological training gap" que, a cada dia que passa, fica mais difícil de ser preenchido pelo trabalhador.

Ao ver as suas economias perdendo competitividade no mercado internacional e, com poucas expectativas de gerar novas oportunidades econômicas para manter em funcionamento o seu grande aparato industrial, os países do primeiro mundo tiveram que recorrer aos antigos métodos do século XV para evitar um colapso total do sistema capitalista. Dessa necessidade imperiosa surgem, a partir de 1990, dois novos conceitos de regionalização mundial econômica e social: Mercados Emergentes e Globalização da Economia.

**Tabela B: Custos da Mão-de-Obra em Países da OCDE, 1993**

País	Custos Não-Salariais US\$/h	Salários por hora US\$/h
Espanha PP	-	12
Itália	10	8
Finlândia	5	12
França	9	8
Bélgica	11	11
Austrália	-	13
Canadá	4	13
Suécia	8	11
Holanda	10	11
Grã-Bretanha	4	9
Estados Unidos	5	12
Portugal	3	7
Dinamarca	4	16
Áustria	10	10
Japão	9	11
Alemanha	11	14
Suiça	7	15
Noruega	7	14
Irlanda	3	9
Nova Zelândia	-	8

Fonte: (5).

## Mercados emergentes

O grande apogeu econômico dos países ricos durante as décadas de 60, 70 e 80, parece estar chegando a uma situação de consequências imprevisíveis. Fruto de 50 anos de paz, a prosperidade alcançada durante este período começa a apresentar os mesmos sintomas que a Europa e Estados Unidos

viveram nos anos 20. O surgimento de idéias e grupos nacionalistas na Europa, ganha cada dia mais força entre os jovens e adultos desempregados que não enxergam nenhuma perspectiva de melhoria a curto e médio prazos. Será que o homem tem que conviver com idéia de: destruir para crescer?

Para as multinacionais, banqueiros, investidores e especuladores, o encolhimento do próprio mercado e o lento ritmo da expansão econômica fez com que as atenções financeiras se voltassem para aqueles países que, através da implementação de novos programas econômicos, conseguiram um crescimento relativamente estável durante a década de 80. Usando-se este fator como variável seletiva, países do terceiro mundo foram selecionados e passaram a ser classificados como "Mercados Emergentes". Assim, o que a primeira vista parecia ser uma grave crise financeira e de expansão produtiva para as indústrias e agentes financeiros do primeiro mundo, parece ter sido revertida, temporariamente, pela alta rentabilidade das ações nas bolsas e o crescimento potencial das economias nos mercados emergentes. Esta nova e, mais uma vez, engenhosa saída, veio propiciar as condições ideais para a recuperação do sistema econômico do primeiro mundo.

A partir de 1990, países do terceiro mundo com as suas economias dentro de um padrão de crescimento respeitável e politicamente estáveis, passaram a ter um reconhecimento especial pelo sistema financeiro mundial. Os países foram escolhidos em função de indicadores econômicos, mercados financeiros bem estabelecidos, crescimento do PIB, taxas de inflação, estabilidade política e, principalmente, pelo crescimento das Bolsas de Valores. As variáveis indicando o nível de desenvolvimento social não foram consideradas. Assim, pode-se ter dentro da nova ordem econômica mundial, um país "financeiramente emergente" mas, também, "socialmente não-emergente".

## **O lado financeiro dos mercados emergentes**

O fator mais importante na escolha de um mercado emergente foi o contínuo crescimento das bolsas de valores. Ao longo dos últimos dois anos, a valorização das ações nos mercados emergentes foi das melhores do mundo. Em 1993, por exemplo, as ações negociadas nos mercados de capitais emergentes responderam por cerca de 12% do valor de todas as ações negociadas mundialmente. Por outro lado, o giro do mercado de ações, como porcentagem do valor do mercado, foi mais alto nos mercados emergentes do que nos mercados dos países do primeiro mundo. Em 1993, o giro nos mercados emergentes foi em torno de US\$ 8.5 trilhões, enquanto que nos mercados desenvolvidos foi quase US\$ 7.2 trilhões.

Estimulados por estudos que mostram taxas de crescimento bastante altas durante os próximos anos e pelos planos de privatização, os investidores estrangeiros estão ávidos de participar das atividades econômicas dos mercados emergentes. A abertura ao capital externo e a onda de globalização econômica

facilitam a recuperação das indústrias dos países ricos através da criação das chamadas "joint ventures" e da aplicação do capital especulativo em novas e mais lucrativas alternativas financeiras.

Na Tabela 3 são apresentados os indicadores econômicos dos principais países emergentes. Um dos pontos que deve ser ressaltado nos referidos indicadores é o alto volume de reservas externas de alguns países.

Com o afluxo de capital para as economias emergentes, as reservas internacionais vem aumentando a um ritmo bastante rápido. O Brasil, por exemplo, tinha em 1993 reservas de US\$ 22.6 bilhões; hoje, segundo estatísticas do Banco Central, as reservas chegam a US\$ 40 bilhões. Taiwan, com seu enorme capacidade de exportação tem reservas em torno de US\$ 90 bilhões. China, considerada hoje como o mais importante centro de investimento do mundo, conta com US\$ 21 bilhões em reservas. A Argentina e o México, mesmo mostrando um saldo positivo de reservas possuem um alto saldo negativo na Conta Corrente, US\$ -9.1 e US\$ -24.4 bilhões, respectivamente. Estes números são preocupantes dado o tipo de política cambial executada em cada país.

Os baixos índices de inflação, na maioria dos países, tem merecido a confiança dos investidores internacionais. Durante os dois últimos anos, as ações dos países emergentes alcançaram uma valorização altíssima em dólares. Países como Chile e Peru, tiveram valorização nas ações, de 1993 a 1994, em torno de 50 por cento. Já o Brasil, teve a maior valorização do mundo: 80 por cento. A América Latina, em geral, teve um desempenho muito bom no índice valorização.

Quando se compara os valores das bolsas de todos os países, observa-se, imediatamente, a importância que os mercados emergentes representam, em termos de investimentos para a recuperação e expansão do sistema financeiro internacional. Enquanto que nos países desenvolvidos a valorização não supera os 20 por cento ao ano, os países emergentes criam condições econômicas para que a valorização seja, em média, o dobro dos outros mercados.

Mesmo sendo considerados todos os países apresentados na Tabela 3 como mercados emergentes, é necessário observar cuidadosamente a fragilidade econômica dos cinco países Latinos em relação aos países asiáticos. A variação do PIB e da produção industrial, por exemplo, servem para confirmar a grande diferença existente entre os dois tipos de modelos de crescimento econômico implementados por cada um dos diferentes países. Concentrando-se no fortalecimento da pequena e média empresa e na expansão das exportações de produtos manufaturados, os países asiáticos conseguiram atingir, durante os últimos 25 anos, um nível extraordinário de expansão econômica. Daí, a denominação de "tigres asiáticos".

**Tabela C: Principais Indicadores Econômicos dos Mercados Emergentes, 1994**

Variação c / relação ao ano anterior			Últimos 12 meses US\$Bi.		Reservas intern. US\$ Bi.
PIB	Produção	Preços ao	Balança	Conta	Ano Anterior



	Industrial	Consumidor	Comercial	Corrente		
China	+10.60	+23.80	+27.40	-4.40	-11.90	20.10
Hong Cong	+5.40	-0.80	+8.60	-7.30	+5.20	35.20
Índia	+4.20	+8.60	+11.10	-2.10	-0.20	8.00
Indonésia	+6.50	+18.20	+9.20	+8.00	-4.60	11.10
Malásia	+8.10	+13.20	+3.60	+2.90	-3.70	15.40
Filipinas	+4.50	+0.80	+7.80	-7.40	-3.70	4.10
Cingapura	+9.30	+12.90	+3.90	-8.50	+4.40	44.30
Coréia do Sul	+8.10	+8.00	+5.70	-4.94	-2.60	19.70
Taiwan	+6.30	+3.80	+5.10	+7.00	+5.90	84.00
Tailândia	+8.20	+10.70	+5.30	-8.40	-6.40	24.40
Argentina	+4.50	+3.70	+3.40	-5.90	-9.10	10.00
Brasil	+2.80	+2.70	+1741.00	+13.90	-0.40	23.10
Chile	+4.50	+2.80	+8.30	-0.20	-1.60	10.00
México	+3.80	+10.00	+6.70	-16.90	-26.10	21.30
Venezuela	-5.50	nd	+69.90	+1.20	+0.70	8.60
Grécia	+0.70	+4.20	+11.10	-12.90	-4.00	7.00
Israel	+8.90	+7.20	+13.80	-7.50	-2.70	5.70
Portugal	-1.40	-3.00	+4.60	-7.80	+1.04	17.40
África do Sul	+2.50	+2.40	+10.10	+4.40	+0.90	.50
Turquia	-10.60	-13.60	+116.30	-9.50	-2.80	7.10
República Tcheca	+3.50	+3.00	+10.50	-0.60	0.00	3.00
a						
Hungria	+1.10+	16.30	+18.90	-3.40	-3.70	4.40
Polônia	+4.30+	16.70	+34.60	-0.80	-0.60	3.50
Rússia	-16.00	-23.00	+208.70	+12.00	+6.00	nd

Fonte: (5).

Os nove países restantes, apresentam indicadores econômicos bastante razoáveis, porém, nenhum chega a apresentar diferenças muito significativas de outros países não classificados como emergentes. Usando-se os mais rígidos padrões de classificação, os únicos países que podem ser chamados de realmente emergentes são os países Asiáticos. Reunindo, no entanto, países dos três continentes, flexibiliza a movimentação financeira de capitais e estimula, principalmente, a concorrência pelos melhores índices de valorização dentre os próprios países.

O chamado "risco soberano", baseado em fatores econômicos e políticos de cada país, é um importante aspecto de classificação usado pelos agentes financeiros. Elaborado trimestralmente, mostra o risco de cada país para qualquer aplicação financeira.

A Rússia é considerada, entre os mercados emergentes, como o país com o risco mais alto, 90%. Os países Latinos, em geral, são considerados de alto risco: Brasil com 70%, enquanto que Argentina, México e Venezuela estão com 50%. O Chile, por outro lado, escapa deste grupo, apresentando um índice de risco de 30%. Os "tigres asiáticos", apresentam os menores índices de risco entre os mercados

emergentes: 15%. A China, mesmo sendo a gigante da expansão econômica e o mercado dos grandes investimentos para o ano 1995, é classificada como de alto risco: 35%.

## **O lado social dos mercados emergentes**

Modificando-se o enfoque dos análises, passando das oportunidades financeiras para as realidades sócio-econômicas sob as quais alguns dos mercados emergentes convivem, observa-se que o aparente sucesso econômico ganha dimensões e características grotescas. Isto porque por trás de todo esse marketing de crescimento econômico e oportunidades especulativas, esconde-se a agudização do "mercado da miséria humana".

Para facilitar e manter a análise comparativa mais simples, só será estudado o bloco composto pelos países Latinos. As variáveis utilizadas e conclusões obtidas sobre os problemas que afetam os mercados emergentes da América Latina podem ser extrapoladas, também, com algumas modificações, para os outros países.

## **Atividade econômica e endividamento externo**

A posição e capacidade econômica dos países é apresentada na Tabela 4. O Brasil, com o maior PIB, quase iguala o valor

total das exportações anuais dos tigres asiáticos. México e Argentina, com a metade do PIB brasileiro, lutam desesperadamente para que os novos planos econômicos funcionem e possam desencadear um processo de crescimento sustentável.

A angustiante preocupação dos políticos com o sucesso dos planos econômicos contrasta com as constantes exigências dos países do primeiro mundo para que os mercados sejam mais abertos. Os países do primeiro mundo, através dos mecanismos de funcionamento da economia mundial, estão moldando em seu próprio benefício mas, de uma maneira muito discreta, a nova era (ou tragédia) econômica da América Latina.

É grande a atividade das empresas multinacionais por assumirem a liderança num mercado de enorme potencial econômico, cujas disparidades na distribuição da renda, dificultam o acesso das camadas sociais menos favorecidas aos benefícios que possam surgir da penetração e dominação disfarçada das atividades econômicas nos mercados emergentes.

O surpreendente crescimento no PIB nos últimos anos nos países da América Latina tem sido conseguido através de grandes sacrifícios das classes menos favorecidas. O aumento do PIB resultou, mais da concentração da produção industrial em bens para exportação, do que para consumo interno.

As estatísticas mostram a dívida externa que os países assumiram em decorrência da onda momentânea do chamado "idealismo social" que visava reduzir as disparidades sociais da população, através da formação de frentes de trabalho. Esta meta de desenvolvimento regional não foi alcançada pela já conhecida "malversação" dos empréstimos. Como grande parte da receita nacional é dedicada ao pagamento das dívidas internas e externas, poucos são os recursos destinados para resolver os mais simples problemas sociais.

A distribuição percentual do PIB mostra o tipo de modelo adotado por todos os países emergentes da América Latina (Tabela 4). O crescimento industrial representou durante 1991, em média, 37,4% do PIB, onde os serviços ficaram com 53,4%, enquanto que o setor agrícola participou somente com 9,2% do PIB. Esses números demonstram que, mesmo sendo as economias classificadas como emergentes na base do crescimento do PIB, ainda existem sérios desequilíbrios no crescimento das economias, especialmente com relação a um dos setores mais importantes dentro do quadro geral de desenvolvimento: a produção de alimentos.

Usando-se o PIB per capita do Brasil como exemplo, chega-se a conclusão que de uma renda anual de US\$ 2 697,95 o cidadão brasileiro gasta, em média por ano, US\$ 1 357,95 em serviços, US\$ 1 052,20 em bens industriais e o absurdo de, apenas, US\$ 269,79 no setor de alimentos. Essa análise não é nada diferente do resto dos outros países.

**Tabela D: Produto Interno Bruto (PIB) e Dívida Externa de Mercados Emergentes**

	Área Total (1000km <sup>2</sup> ) 1991	PIB (milh/US\$) 1991	PIB per capita (US\$) 1991	Distribuição perc. do PIB			Dívida externa (milh/US\$) 1991
				Agric. (%) 1991	Indústria (%) 1991	Serviços (%) 1991	
Argentina	2767	189720	5873.68	8.1	36.0	55.9	56261
Brasil	8512	405771	2697.95	10.0	39.0	51.0	108988
Chile	757	33977	2574.02	9.0	40.0	52.0	18355
Colômbia	1139	41700	1291.02	16.1	36.5	47.4	17146
México	1958	286628	3392.05	8.0	30.7	61.3	98180
Peru	1285	21899	1018.56	8.0	30.0	62.0	16153
Venezuela	912	53441	2768.96	5.4	50.2	44.4	33372

Fonte: (2).

A concentração dos países emergentes na aplicação de um modelo econômico voltado para a produção de bens de exportação, ao contrário do fortalecimento da produção agrícola, cujos superávits, a exemplo dos países do primeiro mundo, deveriam ser usados como mola propulsora do crescimento social, industrial e tecnológico, contribuiu, por outro lado, para gerar uma grande "base de miséria" na pirâmide social dos países.

### Aspectos sociais da distribuição populacional

Os países ricos têm retomado a discussão sobre uma explosão demográfica nos países do terceiro mundo. Esta situação ganha dimensões de grande importância no momento em que surgem movimentos nacionalistas, mesmo isolados, contra a migração de países mais pobres.

Na Tabela 5, são apresentadas algumas variáveis relacionadas com o crescimento populacional dos mercados emergentes da América Latina. Nota-se que, mesmo aparecendo um pouco menores as taxas de aumentos populacionais para as atuais condições econômicas de cada país, elas ainda exercem, dada a falta de recursos, uma grande pressão sobre a disponibilidade de serviços básicos como habitação, educação e saúde.

Países como México, atual vedete do sistema financeiro mundial, apresenta uma previsão de aumento em sua taxa de natalidade, entre 1990-95, de 2,06%. Peru e Venezuela estão na mesma faixa de crescimento populacional. Estas estatísticas quando correlacionadas com variáveis como mortalidade infantil, crescimento urbano e, especialmente, com a taxa de aumento da força de trabalho, assumem uma grande importância sócio-econômica na implementação de programas de desenvolvimento.

A presente concentração de 70 a 80% da população nos centros urbanos e, mostrando taxas de crescimento alarmantes, desafiam todas as possibilidades de se chegar a alcançar um bem-estar social equilibrado. Na situação atual, o exagerado crescimento urbano dos países emergentes converte-se em uma bomba de tempo de consequências imensuráveis. As marcantes desigualdades regionais são o fator

predominante no gradativo êxodo das áreas rurais, atrás de melhores condições de vida, para os grandes centros urbanos.

**Tabela E: Distribuição Populacional em Mercados Emergentes Latino Americanos**

País	População total (milhões)	Aumento médio da população (%) 1990-95	Mortal. infantil (por 1000 nascim.) 1990-95	População urbana total (%) 1990	Taxa média de aumento anual urbano (%) 1980-90	Taxa média de aumento da for. trab. (%) 1991-2000
Argentina	32.3	1.17	29	86	1.8	1.6
Brasil	150.4	1.59	57	75	3.4	2.1
Chile	13.2	1.55	17	86	2.3	1.5
Colômbia	32.	1.66	37	70	2.9	2.3
México	84.5	2.06	35	73	2.9	2.9
Peru	21.5	2.03	76	70	3.1	2.8
Venezuela	19.3	2.12	33	84	2.8	2.9

Fonte: (2,4)

O empobrecimento urbano mostrado pelo crescimento de favelas, e bem como a falta de aplicação de recursos federais para proporcionar à população melhores condições de vida, entra em choque violento com as campanhas lançadas pelos países ricos através de seus líderes e/ou empresas multinacionais, com o objetivo de convencer a opinião mundial, sobretudo a nacional, de que o grupo de economias emergentes são o "grande potencial" da expansão econômica do século XXI.

Este tipo de colocação pode ser verdadeira, dependendo de quem sairá beneficiado de todo esse "empenho" internacional. Historicamente, a parcela de benefícios sócio-econômicos que corresponde à população de baixa renda tem sido muita pequena e não deve ser muito diferente desta vez.

Não existe nesta análise nenhuma conotação de pessimismo com relação ao futuro dos mercados emergentes, simplesmente, a realidade histórica mostra que os grandes benefícios sociais e econômicos resultantes das grandes mudanças estruturais e tecnológicas acontecidas no mundo ao longo das últimas décadas, não se refletiram em ganhos sociais para as classes menos favorecidas, pelo contrário, as disparidades sociais aumentaram.

## Distribuição da renda familiar

O Banco Mundial publica anualmente relatórios sobre os mais diversos temas, sendo que a distribuição da renda tem sido sempre motivo de grande preocupação. Em seu relatório de 1992, são apresentadas algumas estatísticas que mesmo tendo de ser examinadas com um pouco de cuidado, servem para sinalizar a maneira como a renda está distribuída nos países.

Aproveitando-se esta série, foi construída a Tabela 6 para aqueles mercados emergentes que apresentavam informações. As conclusões são evidentes por si mesmas. O Brasil, por exemplo, é quem aparece tendo a pior distribuição de renda entre os países emergentes. Observa-se que 46,2 por cento da

riqueza nacional está concentrada em 10 por cento da população, enquanto que 20 por cento da população controla nada menos que 62,6 por cento de toda a riqueza. A situação fica mais trágica quando se verifica que 20 por cento da população brasileira, constituída pelos menos favorecidos, tem acesso, apenas, a 2,4 por cento da riqueza nacional.

Nos países do primeiro mundo, os 20 por cento superiores detêm em torno de 40 por cento da riqueza e os 10 por cento superiores em torno de 24 por cento. Já as camadas dos 20 por cento inferiores, detêm em torno de 8 por cento da riqueza.

Estas figuras, por exemplo, quando associadas ao PIB de cada país, assumem uma dimensão dramática. No Brasil, por exemplo, com um PIB de US\$ 420 bilhões, significa, em termos gerais, que 20 por cento da população é dona de quase US\$ 260 bilhões, enquanto que os 20 por cento inferiores chegam, apenas, a US\$ 8,2 bilhões.

Ignorando os atuais problemas sócio-econômicos, os países industrializados continuam fazendo dos mercados emergentes da América Latina, o alvo principal de grandes aplicações de recursos. As Bolsas de Ações cujos ganhos em dólar superam os 50 por cento anuais, são as principais opções de aplicações. As "Joint Ventures" com empresas nacionais tecnologicamente defasadas são também uma fonte de ótima oportunidade de aplicação de recursos.

**Tabela F: Distribuição Percentual da Renda Familiar por Grupos Centis de Famílias em Mercados Emergentes Selecionados**

	População (milhões) 1990	Ano	Distribuição Percentual					
			os 20% inferiores	segundo quartil	terceiro quartil	quarto quartil	os 20 % superiores	os 10% superiores
Hong	5.8	1980	5.4	10.8	15.2	21.6	47.0	31.3
Cong								
Índia	849.5	1983	8.1	12.3	16.3	22.0	41.4	26.7
Indonésia	178.2	1987	8.8	12.4	16.0	21.5	41.3	26.5
Malásia	17.9	1987	4.6	9.3	13.9	21.2	51.2	34.8
Filipinas	61.5	1985	5.5	9.7	14.8	22.0	48.0	32.1
Cingapura	3.1	1983	5.1	9.9	14.6	21.4	48.9	33.5
Brasil	150.4	1983	2.4	5.7	10.7	18.6	62.6	46.2
Venezuela	19.7	1987	4.7	9.2	14.0	21.5	50.6	34.2
Israel	4.7	1979	6.0	12.1	17.8	24.5	39.6	23.5
Hungria	10.6	1989	10.9	14.8	17.8	22.0	34.5	20.7
Polónia	38.2	1987	9.7	14.2	18.0	22.9	35.2	21.0

Fonte: (2).

A onda de privatizações que tomou conta do mundo está fornecendo uma oportunidade sem paralelo ao capital externo para, ao se associar ao capital nacional, expandir as suas opções de aplicação e operações industriais.

A forma como a riqueza é distribuída nos países do primeiro mundo deveria servir de exemplo para que, num futuro não muito longe, as populações dos mercados emergentes Latino Americanos pudessem usufruir dos ganhos econômicos decorrentes da tão badalada abertura das economias.

Porém, com taxas de crescimento populacional bastante expressivas e com políticas sócio-econômicas pouco favoráveis ao bem-estar das populações, o desejo por uma mais rápida e melhor distribuição da renda nacional parece algo muito distante para ser alcançado.

## Despesas governamentais

Na Tabela 7 pode ser apreciada a enorme deterioração percentual acontecida no volume de investimentos destinados a programas públicos e sociais nos mercados emergentes Latino Americanos. O contraste com os países emergentes da Ásia no volume de recursos aplicados é enorme.

Brasil, Chile e México tiveram quedas significativas na aplicação de recursos para programas de grande importância social e econômica como educação e habitação. Brasil que em 1972 aplicava apenas 8,3 por cento em educação, caiu para 5,3 por cento em 1990. No setor habitacional a queda foi de 35 para 20 por cento, no mesmo período. A saúde, por outro lado, permaneceu quase igual.

A queda das aplicações do Brasil em setores como habitação, tem repercussões muito sérias quando se analisa a economia como um todo. A construção imobiliária junto com a indústria automobilística, são os setores básicos do crescimento econômico de qualquer país. As estatísticas mostram que todas as grandes recessões nos países do primeiro mundo tem seu começo pela queda acentuada em algum desses dois setores. Por sua vez, a recuperação econômica só é retomada através do aumento de construções habitacionais e vendas de automóveis.

A pouca atenção dada ao setor habitacional no Brasil durante a década de 80, é responsável, no momento, por um déficit calculado em torno de 15 milhões de moradias. Para superar este déficit, o país precisa de um volume enorme de recursos não disponíveis.

Cingapura e Indonésia, considerados hoje como as principais economias emergentes do mundo mostram que seus investimentos nos setores de educação, saúde e habitação tiveram incrementos substanciais e, com resultados altamente positivos para a economia. Através do "efeito multiplicador", investimentos nesses três setores considerados essenciais, ajudaram a fortalecer e dar uma maior vitalidade ao desenvolvimento e crescimento econômico.

**Tabela G: Despesas do Governo Central em Mercados Emergentes Selecionados**

País	População (milhões) 1990	Percentual da Despesa Total													
		Defesa		Educação		Saúde		Habitação		Serviços econó.		Diversos		Despesa total como perc. do PIB	
		72	90	72	90	72	90	72	90	72	90	72	90	72	90
Índia	849.5	46.2	17.0	2.3	2.5	1.5	1.6	3.2	6.9	19.9	20.8	46.9	51.2	10.5	18.2
Indonésia	178.2	18.6	8.0	7.4	8.4	1.4	2.0	0.9	1.5	30.5	27.6	41.3	52.4	15.1	20.4
Filipinas	61.5	10.9	11.0	16.3	16.9	3.2	4.1	4.3	2.3	17.6	23.6	47.7	42.1	14.2	19.8
Cingapura	3.1	35.3	21.6	15.7	18.1	7.8	4.7	3.9	11.7	9.9	20.0	27.3	24.0	16.7	23.3
Tailândia	55.8	20.2	17.3	19.9	20.1	3.7	6.8	7.0	5.8	25.6	22.1	23.5	28.0	16.7	15.1
Brasil	150.4	8.3	4.2	8.3	5.3	6.7	7.2	35.0	20.1	23.3	6.9	18.3	56.2	29.1	36.0
Chile	13.2	6.1	8.4	14.5	10.1	10	5.9	39.8	33.9	15.3	8.8	16.3	33.0	43.2	32.8
México	86.2	4.5	2.4	16.4	13.9	4.5	1.9	25.4	13.0	35.8	13.4	13.4	55.5	11.4	18.4
Israel	4.7	42.9	25.4	7.1	10.2	0.0	4.1	7.1	24.3	7.1	9.2	35.7	26.7	43.9	50.8
Turquia	65.1	15.5	11.7	18.1	19.2	3.2	3.6	3.1	3.6	42.0	17.8	18.1	44.2	22.7	24.6

Fonte:(2).

Neste sentido, o México pode ser o melhor exemplo do que poderia ser chamado de "Mercado Emergente Biônico". Favorecido pela ajuda política de alguns países industrializados, conseguiu associar-se ao NAFTA e, ultimamente, ao quadro especial dos países que formam a OCDE. Todo esse empenho visou apenas, o fortalecimento de uma imagem fundamentada na falsa aparência de uma emergente potência econômica, sem considerar o estado social do país. O México não tem as mínimas condições de acompanhar o ritmo dos países vizinhos.

Os números na Tabela 7 indicam, além da queda de investimentos em todos os setores, as baixas parcelas que as despesas nacionais tem como percentual do PIB. Isso significa que, com um PIB em torno de US\$ 290 bilhões, as despesas Mexicanas representam apenas US\$ 52 bilhões. Para um país com 84 milhões de habitantes e que deseja ser membro da elite de países industrializados, isso é muito pouco.

## Disponibilidade de serviços básicos

A análise anterior proporciona um ótimo subsídio para entender porque os países emergentes da América Latina carecem de alguns dos mínimos serviços básicos como água potável e serviços sanitários. Programas sociais, em geral, ocupam um lugar de pouca importância dentro do orçamento nacional.

Na Tabela 8, por exemplo, observa-se que a área rural é totalmente carente dos serviços básicos. Em países como Chile, enquanto o atendimento aos serviços urbanos é total, a área rural está esquecida.



A carência de serviços urbanos têm se constituído, em decorrência da esperada explosão urbana para o ano 2015, em uma das principais campanhas do Banco Mundial nos últimos anos. As taxas de crescimento urbano assustam os técnicos e preocupam as autoridades governamentais, dada a escassez de recursos e, principalmente, pela dificuldade da implementação dos programas nas áreas ocupadas pelas favelas.

O fornecimento de água potável é essencial para manter a população longe de doenças que contribuem para criar um sistema de atendimento hospitalar caótico. A falta de um tratamento preventivo, através do fornecimento de água potável e condições sanitárias melhores, fazem com que os índices de mortalidade infantil, em algumas áreas, sejam verdadeiramente assustadores.

**Tabela H: Disponibilidade de Serviços Básicos em Mercados Emergentes Latino Americanos, 1990**

País	População com água potável		População com serviço sanitário		Pop. fem. adulta alfabetizada (%)	Pop. masc adulta. alfabetizada (%)
	Urbana (%)	Rural (%)	Urbana (%)	Rural (%)		
Argentina	73	17	100	29	95	96
Brasil	95	61	84	32	80	83
Chile	100	21	100	6	93	94
Colômbia	87	82	84	18	86	88
México	94	49	85	12	85	90
Peru	68	24	76	20	79	92
Venezuela	89	36	97	72	90	87

Fonte: (2).

No Brasil, as taxas de mortalidade infantil são muito altas devido à falta de um programa sério e abrangente de fornecimento de água potável e de serviços sanitários em todas as regiões do país. A estimativa de uma mortalidade infantil de 57 crianças por cada 1 000 nascimentos é intolerável para um país que é considerado, no momento, como "mercado emergente".

A prosperidade de um país pode ser medida pela facilidade de acesso que a população tenha a serviços essenciais como educação, saúde e habitação. Neste aspecto, os países emergentes da América Latina não parecem ainda ter entendido a importância que um bom sistema de serviços representa para a vida do cidadão e para a própria economia dos países.

Uma sociedade doente, sem educação e sem habitação não pode contribuir, em nada, e, muito menos, agregar alguma coisa ao crescimento da riqueza nacional. A pouca importância dada no passado a estes e outros setores da economia se reflete atualmente na impossibilidade que alguns dos governos da América Latina têm em estabilizar a suas economias.

Os sobressaltos sociais que eventualmente aparecem, perturbam a ordem social e prejudicam o bom andamento dos programas de expansão econômica. Do mesmo modo, as mudanças tecnológicas impostas pelo processo competitivo que vivem os mercados internacionais, causam fortes traumatismos psicológicos à sociedade que, vendo outros avançando no espaço e tempo da modernidade, não consegue satisfazer os mínimos desejos impostos pelo próprio processo evolutivo da humanidade.

## **Globalização da economia**

Um dos mais fascinantes "ismos" que está tomando conta da opinião pública é chamada "Globalização da Economia". A sigla é bastante sofisticada e muito abrangente mas, ninguém consegue demonstrar de forma convincente a sua importância para os países do terceiro mundo.

Pensando bem, parece que só a partir de 1990 o mundo começou a conhecer o potencial do comércio internacional. Nada mais errado que isso. A economia mundial ganhou seu status de "global" no momento em que os primeiros navegantes deixaram seus portos em busca de novos mercados para seus produtos ou na procura de novas matérias primas para a expansão econômica de suas indústrias.

Esse interesse pela globalização do comércio internacional sempre coincidiu, em uma maior ou menor intensidade, com o que poderia se chamar de "saturação das economias locais". As exigências impostas pelo processo competitivo do capitalismo força as empresas a serem mais eficientes no uso dos insumos. Como nem todas as empresas conseguem atingir essa meta, torna-se necessário procurar mercados alternativos, nos quais, as exigências competitivas sejam menos rígidas.

No fechamento do século XX, o mundo assiste perplexo, a algo que teria de acontecer mais cedo ou mais tarde: a saturação das economias do primeiro mundo. O terceiro mundo, por outro lado, está longe de chegar a esse limite uma vez que, ainda a maioria de sua população vive nas mais primitivas das condições sociais, econômicas e políticas. Essa situação degradante, no entanto, tem recebido pouca ou quase nenhuma atenção por parte do sistema financeiro internacional, preocupado mais com a lucratividade de seus investimentos do que com bem-estar social.

Zona livre de comércio, NAFTA, Mercosul, Mercado Comum Europeu, Pacto Andino e alguns outros são os nomes que representam a regionalização da economia mundial. São os novos blocos econômicos que pretendem controlar o comércio mundial. Toda essa gama de nomes têm como único objetivo, ajudar a espantar o fantasma do crescimento lento dos países do primeiro mundo.

O grande fator por trás de toda essa nova ordem econômica mundial é a integração dos países em desenvolvimento e, em especial, os Tigres Asiáticos à economia mundial. Ávidos pelo melhoramento de suas condições sócio-econômicas, os mercados emergentes estão competindo, como nunca foi imaginado, com o mundo industrializado.

O surgimento desse novo bloco de países tem causado alterações profundas nos padrões de comércio do mundo. As indústrias do primeiro mundo enfrentam sérias dificuldades em competir no mercado internacional, como resultado do baixíssimo custo da mão-de-obra nos países em desenvolvimento.

Como os países industrializados podem resolver esse impasse é algo difícil de se prever. O alto índice de desemprego e os altos custos de produção na América e na Europa não permitem vislumbrar uma rápida saída para suas economias. Pode-se pensar, a médio prazo, num certo aumento do protecionismo e, se for necessário, a implementação de novas barreiras comerciais.

A rejeição de alguns países membros da Comunidade Europeia ao tratado de Maastrich, que visa somente a ratificação da integração, confirma as dificuldades econômicas da Europa. A incerteza das pessoas sobre o futuro, a recessão e as altas dívidas de alguns países complicam a integração da Europa, num momento em que a economia mundial passa por um dos períodos mais críticos dos últimos cem anos.

A perda da vantagem competitiva de algumas indústrias americanas e europeias, torna a suas economias mais vulneráveis à competição internacional. Não é de se estranhar, portanto, que durante os últimos anos tenha aumentado o número de indústrias transferendo-se para os países emergentes. Mesmo com a disponibilidade de alta tecnologia, os altos custos trabalhistas inviabilizam qualquer tentativa das indústrias se tornarem mais competitivas.

## **Conclusões**

A formação de uma nova ordem mundial a serviço das economias industrializadas só será possível através da consolidação da idéia de novos "Mercados Emergentes" e de "Globalização da Economia". Os grandes problemas sociais acumulados ao longo do tempo no terceiro mundo, o surgimento de novos movimentos ideológicos, a valorização da dignidade e a esperança de maior equidade social podem reduzir as possibilidades de se obter essa nova ordem mundial econômica.

Esse quadro de expansão econômica e financeira que beneficia uns poucos, contrasta dramaticamente com o pouco comprometimento social dos governos dos mercados emergentes da América Latina em fornecer às suas populações os serviços básicos de bem-estar.

Foi possível perceber através desta análise que pouco mudou, no tempo, em relação ao comportamento das economias mais desenvolvidas. Os interesses econômicos passam a ocupar, mais uma vez, posição de destaque no panorama da economia mundial. O discurso sobre a "Globalização da Economia" e os novos "Mercados Emergentes", baseados apenas em taxas de crescimento do PIB e das

Bolsas, serve apenas para tirar as economias dos países ricos do atoleiro econômico em que se encontram. Quem perde ou quem ganha com o mais novo "ismo" do mundo, só o "tempo poderá dizer".

Fica evidente pela análise, a absurda incoerência existente entre a real situação sócio-econômica e aquela situação financeira-especulativa artificialmente criada nos países Latino Americanos para beneficiar o grande capital internacional.

As forças de mercado podem expandir-se e penetrar facilmente nas já liberalizadas economias da Ásia e América Latina, contudo, as existentes desigualdades sociais serão cada dia mais notórias, forçando uma mudança radical no pensamento político da sociedade.

## **Bibliografia**

1. Banco Mundial, Indicadores do Desenvolvimento Mundial, Washington D.C., 1991.
2. Banco Mundial, Indicadores do Desenvolvimento Mundial, Washington D.C., 1992.
3. World Resources Institute, World Resources 1987, Basic Books, Inc, New York, 1987.
4. World Resources Institute, World Resources 1994-95, Basic Books, Inc, New York, 1994.
5. Gazeta Mercantil, 1994

## **Agradecimentos**

As discussões sobre a situação internacional no curso: "Política Ambiental Internacional" ministrado pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, serviram como fator estimulante para se analisar uma área muito badalada nos meios de comunicação mas, pouco compreendida em sua verdadeira intenção econômica-financeira-especulativa. Agradecimentos a todos os participantes. Ao colega Aliomar Arapiraca por sua revisão, muito obrigado.